



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura da ordem de início do trecho Ouro Verde de Goiás (GO) - Estrela d'Oeste (SP) da Ferrovia Norte-Sul**

**Petrolina de Goiás-GO, 23 de dezembro de 2010**

Hoje... ô gente, primeiro, eu queria dizer para vocês da alegria de poder estar, mais uma vez, inaugurando um pedacinho da Ferrovia Norte-Sul. Na verdade, o Juquinha não quis falar aqui, mas eu vou falar. Na última vez que eu vim aqui – me parece que foi em setembro, em setembro deste ano –, nós dissemos que iríamos inaugurar a Ferrovia até Palmas. É isso? Ou até Anápolis? Até Palmas.

Bem, acontece que a empresa que estava fazendo este lote teve um problema com o Tribunal de Contas da União, e o Tribunal de Contas da União tentou impedir a empresa de continuar trabalhando porque queria que a empresa fizesse um desconto no preço. A empresa entrou na Justiça, levou não sei quanto tempo essa briga, a empresa ganhou. Quando a empresa retomou as obras, eles imaginavam que era possível fazer até hoje – que era 22 de dezembro que era para eu ter vindo aqui, estou vindo no dia 23 – e a empresa não conseguiu acabar. Está 90% pronto, do trecho, mas, se Deus quiser, a nossa presidenta Dilma Rousseff, em abril estará inaugurando a Ferrovia até a cidade de Palmas. Na verdade, a gente não deveria estar inaugurando o marco de 1.100, mas de 1.315 quilômetros. De qualquer forma, são problemas que acontecem durante... no transcorrer de uma obra, e nós temos que conviver com isso.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês, meu caro companheiro Alcides, é que o Brasil voltou a aprender a investir em infraestrutura. Qualquer empresário, qualquer empresário da construção civil de Goiás, de Brasília, de Pernambuco, da Bahia, de Roraima, do Amazonas, do Rio Grande do Sul,



qualquer empresário da construção civil poderá pegar este microfone aqui e dizer que nunca houve tantas obras para os empresários fazerem como está acontecendo agora. Eles poderiam dizer: “Nunca antes na história do Brasil o governo contratou tanto, os estados contrataram tanto e as prefeituras contrataram tanto”. E nunca eles receberam tão em dia como eles estão recebendo nas obras contratadas pelo governo federal. A gente não paga adiantado, mas também não paga atrasado. A gente paga no dia e mostra a obra e o trecho contratado feito. Fez a medição, eles recebem e não tem que ficar, como antigamente se fazia neste país, tentando passar propina para alguém intermediar o recebimento de um dinheiro que o governo deveria pagar. Não existe isso.

Bem, e, certamente, vocês sabem o significado desta ferrovia para o estado de Goiás, para o estado de Tocantins, para o estado do Maranhão. Agora, é importante que esta estrada [ferrovia] não pode ser só para carga. Ela tem uma velocidade extraordinária, que esta ferrovia pode ter trem de passageiro, ela pode ter trem de passageiro. Ora, e pode, a gente pode... eu até já estou aqui contratado com o Paulo Sérgio porque vai continuar, certamente, no Ministério do Transporte, trabalhando com o Alfredo. Contratar com o Juquinha também, que eu não sei se vai ficar, se o Alfredo vai mantê-lo lá, depois dessa traição que você fez comigo de inaugurar... não sei. Mas eu quero, quando esta estrada [ferrovia] estiver pronta, eu quero sair de Anápolis, eu quero ir até Açailândia, onde ela começou, ou até o Porto de Itaquí. Bota um trem, um banquinho para a gente deitar, porque eu acho que o Brasil perdeu muito em não construir ferrovia. O Brasil já teve... só para vocês terem ideia, só para vocês terem ideia de como era o Brasil um tempo atrás, o Brasil, em 1950, o Brasil tinha 37... prestem atenção: em 1950, entre [19]50 e [19]60, o Brasil tinha 37 mil quilômetros de ferrovia. Depois, quando se introduziu a indústria automobilística no Brasil, fizeram uma opção equivocada: desmontar a ferrovia para fazer estrada, quando, na verdade, não precisava, não precisava



desmontar a ferrovia para fazer estrada. Poderia deixar a estrada e fazer as rodovias [ferrovias]. Eles, na verdade, fizeram decisões equivocadas, reduziram esse total de 37 [mil] para menos de 29 quilômetros... [29] mil quilômetros de ferrovia. E desses 29 [mil], apenas dez mil quilômetros funcionavam. Ou seja, nós tínhamos 37 [mil], caímos para 29 [mil] e, dos 29 [mil], apenas dez mil quilômetros funcionavam.

De 1998, ou melhor, de 1989... porque você não contou o governo Collor, você não contou o governo Itamar, mas se você pegar o governo Collor, o governo Itamar e oito anos de Fernando Henrique Cardoso, todos eles juntos fizeram 215 quilômetros desta Ferrovia. O Sarney fez 115, nós fizemos 1.100 e não acabamos os 1.300 porque o companheiro Juquinha não quis acabar para não me dar de presente. Eu acho que ele, esperto, falou: “Não vou fazer tudo, não vou fazer tudo com esse tal desse Lula não. Vou deixar um pouquinho para a presidenta Dilma”. Então, em abril ele vai estar com ela aqui para inaugurar os outros 200 quilômetros que vão até Anápolis.

Bem, após 2003, entre ferrovias em construção e entregues, nós já fizemos mais de 4.500 quilômetros de ferrovia, que estão em construção e [foram] entregues. O investimento do governo federal, que era de R\$ 41 milhões, passou para R\$ 1 bilhão. E já foram concluídos empreendimentos no valor de R\$ 3 bilhões e 400 milhões nos últimos oito anos e as obras em andamento somam mais R\$ 4 bilhões e 700 milhões. Se a gente pegar a Ferrovia Oeste-Leste, que vai de Ilhéus, na Bahia, até Tocantins; se a gente pegar a Ferrovia Transnordestina e se a gente pegar o que falta fazer aqui, nós vamos chegar a mais de R\$ 10 bilhões em ferrovias neste país.

Por isso, Alcides, eu tinha que vir aqui. Eu não podia deixar de vir aqui. Só para você ter ideia, Alcides, a gente... dez anos atrás, a gente produzia, no máximo, três mil vagões por ano. Agora estamos produzindo 12 mil vagões por ano, ou seja, quatro vezes mais. Isso significa o quê? Significa mais emprego, mais salário, mais renda, mais consumo, mais desenvolvimento, melhoria da



vida de todo mundo. Aqui a gente... a produção de vagões de passageiros passou de 300 para 600, e a gente que não produzia locomotivas aqui – a gente importava –, agora já estamos produzindo cem locomotivas por ano aqui dentro do Brasil.

Por isso, meus queridos companheiros de Petrolina... a cidade chama Petrolina. O prefeito e o padre tentaram inventar uma história para me contar, mas só pode se chamar Petrolina porque foi um pernambucano que passou por aqui e fez. Não tem outra explicação, não existe outra explicação. Talvez um pernambucano que passou por aqui, se apaixonou por uma mulher aqui, se casou e ficou Petrolina, pronto.

Eu não poderia deixar de vir aqui para dizer para vocês o seguinte: eu estou deixando a Presidência. O povo brasileiro elegeu a companheira Dilma Rousseff. A companheira Dilma Rousseff conhece o Brasil e os projetos do Brasil tão bem quanto eu. Ela foi coordenadora do meu governo durante cinco anos, foi ministra de Minas e Energia durante três anos. Vocês podem ter certeza... Primeiro, eu quero que vocês apoiem a presidenta Dilma, apoiá-la de coração. Segundo, a gente tem que sempre estar fazendo a nossa “reza” para pedir que ela esteja com saúde e que ela possa fazer mais e melhor do que eu fiz, porque ela sabe como fazer porque nós aprendemos juntos. Ela pegou o país num momento extraordinário. Quando eu peguei o Brasil, junto com ela, o Brasil estava parado. Agora o Brasil está andando a 150 por hora. Ela, se quiser, pode acelerar um pouquinho; se ela quiser, pode diminuir um pouquinho. O dado concreto é que o Brasil está numa situação extraordinária.

Eu vim aqui para dizer para vocês: estão entregues 1.100 quilômetros da Ferrovia, e eu quero desejar a todos vocês, a todos vocês, um feliz Natal, um feliz Ano Novo, que Deus abençoe a família de cada um de vocês. E agradecer, de público, o companheiro Alcides, que foi um governador companheiro, foi um governador com quem nós estabelecemos uma relação política sadia, boa, e eu acho que quem ganha com isso é o povo de Goiás.



Obrigado, Alcides, pelo carinho que você teve comigo nesses oito anos. E, um dia, o Alcides, quem sabe, me convida para que eu venha na fazenda dele tomar uma caninha, que eu sei que ele tem, de qualidade.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)